

**ECOS DO SILÊNCIO E DA RESISTÊNCIA: A MEMÓRIA DOS ESTUDANTES  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS MORTOS PELA DITADURA  
MILITAR**

*ECHOES OF SILENCE AND RESISTANCE: THE MEMORY OF STUDENTS FROM  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS KILLED BY THE MILITARY  
DICTATORSHIP*

**André Luiz do Nascimento Vilaça<sup>1</sup>  
Érika Lemos Fonseca<sup>2</sup>  
Giovanna Pietra Fernandes Rocha<sup>3</sup>**

**Resumo**

O presente artigo objetiva investigar como a memória dos estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mortos durante a Ditadura Militar brasileira (1964-1985), é exercida, disputada e materializada no espaço físico e eventos do campus. Superando uma abordagem puramente institucional ou uma narrativa linear da resistência universitária, a pesquisa busca entender a universidade não como cenário passivo, mas como agente ativo na produção e reprodução de sentidos sobre o passado. A metodologia baseia-se em um estudo de caso qualitativo, que articula a revisão bibliográfica sobre memória e história, com destaque para autores como Rodrigo Patto, Marcos Napolitano e Beatriz Sarlo, e a análise de marcadores físicos (monumentos, nomeações de espaços estudantis), eventos institucionais (cerimônias de reparação) e manifestações artísticas no campus. Os resultados apontam que a memória se materializa na paisagem universitária e é dinamizada por meio de uma interação dinâmica entre as ações institucionais e a apropriação simbólica realizada pelo movimento estudantil, que funcionam como atos de reparação simbólica e reafirmação de valores democráticos. Identifica-se, ainda, uma falta de discussões entre a memória dos estudantes que sofreram na Ditadura, na abordagem da História acadêmica. Conclui-se que tais manifestações transcendem a simples homenagem, configurando-se como contínuos atos políticos que desafiam narrativas negacionistas e reafirmam o compromisso com a justiça e a democracia, consolidando o papel da universidade como um campo ativo nas "batalhas de memória".

**Palavras-chave:** Memória; Ditadura Militar; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Estudantes; Espaços de Memória.

---

<sup>1</sup> Graduando em História. Universidade Federal de Minas Gerais, andreluiz.vilaca@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em História. Universidade Federal de Minas Gerais, erikaufmgxxx@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em História. Universidade Federal de Minas Gerais, giovanna-pietra@ufmg.br.

## **Abstract**

This article aims to investigate how the memory of students from the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), who were killed during the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985), is exercised, contested, and materialized in the physical space and events of the campus. Moving beyond a purely institutional approach or a linear narrative of university resistance, the research seeks to understand the university not as a passive setting, but as an active agent in the production and reproduction of meanings about the past. The methodology is based on a qualitative case study, which combines a literature review on memory and history—highlighting authors such as Rodrigo Patto, Marcos Napolitano, and Beatriz Sarlo—with the analysis of physical markers (monuments, naming of student spaces), institutional events (reparation ceremonies), and artistic manifestations on campus. The results indicate that memory is materialized in the university landscape and is animated through a dynamic interaction between institutional actions and the symbolic appropriation carried out by the student movement, which function as acts of symbolic reparation and reaffirmation of democratic values. Furthermore, a lack of discussion regarding the memory of students who suffered during the Dictatorship is identified within the academic History approach. It is concluded that such manifestations transcend simple homage, constituting continuous political acts that challenge denialist narratives and reaffirm a commitment to justice and democracy, thereby consolidating the university's role as an active field in the "battles for memory."

**Keywords:** Memory; Military Dictatorship; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Students; Spaces of Memory.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A data 31 de março de 1964 representa um marco de um dos períodos mais sombrios da história do Brasil: a Ditadura militar brasileira (1964-1985). No entanto, a partir da análise de Rodrigo Patto, “Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)” (2000), é possível perceber esse momento enquanto um processo longo e complexo, muito além da explosão de 1964. Para o autor, o anticomunismo deixou de ser um mero coadjuvante para se tornar o catalisador principal do golpe militar de 31 de março, eis o “perigo vermelho”. A instabilidade política e econômica marca o Brasil do século XX, assim como o cenário mundial. Com a ascensão de João Goulart com a renúncia de Jânio Quadros em 61 (1961 (Patto, 2000, p. 289), as atenções e tensões voltadas para posicionamento do Itamaraty frente a Cuba ((Patto, 2000, p. 292) e o crescimento das organizações de esquerda são exemplos que nos permitem visualizar a dimensão do que podemos dizer ser uma onda crescente de anticomunismo cujas campanhas, protestos, comícios e passeatas adquiriram um “ritmo intenso e ininterrupto” ((Patto, 2000, p. 307). Nesse caminho, a queda de Jango representou uma medida preventiva para frear o avanço das ideias esquerdistas, no entanto, segundo o autor, para mobilizar a população e justificar essa ação, a situação foi retratada de forma muito mais alarmante e dramática (Patto, 2000, p. 340).

Sobre o desenrolar do regime, a historiografia, os cientistas sociais e os cientistas políticos muito contribuíram na construção de narrativas, esquematizações e reflexões que foram apropriadas, e muitas vezes criticadas, por movimentos sociais, pela arte, pela literatura e pela mídia do século XXI. Como demonstra Marcos Napolitano (2011) em seus apontamentos sobre uma revisão bibliográfica a respeito do do golpe, um campo importante de contribuição da historiografia tem sido a análise do que se convencionou chamar de “batalhas de memória”. Esse fenômeno ocorre quando diferentes grupos ideológicos – como os que se alinham com os militares, liberais, comunistas ou a nova esquerda – revisitam e reinterpretam as narrativas históricas criadas pelos intelectuais e/ou pelas testemunhas do evento. O objetivo é, por vezes, reafirmar essas versões originais, ou, em outras, desconstruí-las, lançando novas perspectivas sobre o passado (Napolitano, 2011, p. 216).

No ano de 2024, os debates que transbordam o meio acadêmico ganharam mais visibilidade ao tratar de temas como a tortura e as violações de direitos humanos durante a ditadura militar brasileira. Vale destacar a potência da obra *Ainda Estou Aqui* (2024), dirigida por Walter Salles e ganhadora do Oscar na categoria de Melhor Filme Internacional, e seu papel central desempenhado nesse processo, oferecendo uma abordagem sensível e pessoal que

aproxima o público das memórias dolorosas desse período. A narrativa do filme, baseada no livro autobiografia de mesmo nome de Marcelo Paiva, ao reconstruir a trajetória de um desaparecido político e os impactos do trauma na vida de seus familiares, contribui para uma renovada reflexão social sobre os legados da repressão, a busca por justiça e o direito à memória. Essa abordagem, agora cada vez ganhando espaço no gosto da população brasileira, amplia o alcance das discussões sobre a ditadura, fortalecendo o enfrentamento ao negacionismo histórico e estimulando a escuta das vozes que, por décadas, foram silenciadas.

No presente artigo, diante dessas e outras questões sobre ecos latentes do regime militar brasileiro, voltamos o nosso olhar para resquícios da memória em um espaço articulado ao máximo com sua dimensão intelectualizada e política: a universidade. Nesse ponto, vale citar o trabalho do Professor Rodrigo Patto Sá Motta em “As Universidade e o Regime Militar” (2014), em que busca “compreender as políticas universitárias da ditadura, que nos oferecem oportunidade de observar a atuação dos militares e seus aliados civis em área estratégica e de grande repercussão” (Patto, 2014, p. 7). O autor aponta para características particulares da cultura política brasileira e suas manifestações modernas-autoritárias no meio universitário durante o regime (2014, p. 13). No entanto, a proposta aqui não deve ser confundida com uma narrativa sobre a atuação/resistência da universidade no regime militar. O que nos interessa, na verdade, é transbordar a história institucional e investigar o exercício de memória que atravessa e é atravessado pelo espaço universitário, bem como em seus rituais, eventos e monumentos. A universidade é compreendida aqui não apenas como cenário, mas como agente produtor e reproduzidor de sentidos sobre o passado, um campo de disputas simbólicas onde o trauma, o esquecimento e a resistência se entrelaçam. Como recorte, mapeamos a experiência, os espaços, os dizeres e os projetos da Universidade Federal de Minas Gerais, criada em 7 de setembro de 1927 com o nome Universidade de Minas Gerais (UFMG), a mais antiga universidade do Estado<sup>4</sup>.

A narrativa aqui proposta corresponde a investigar os ecos do silêncio e da resistência a partir da rememoração da trajetória de estudantes que tiveram suas vidas interrompidas e cessadas como consequência da violência brutal do regime militar brasileiro. Nos perguntamos, portanto, como estes estudantes assassinados pela ditadura aparecem nos espaços, nos ritos, nos eventos e projetos da UFMG. Assim, justificamos a relevância da temática entendendo que a Universidade Federal de Minas Gerais, enquanto instituição formadora de sujeitos políticos e historicamente atravessada por esses processos, carrega a responsabilidade ética e política de

---

<sup>4</sup> Dados retirados do site oficial da universidade. Acesse “Linha do Tempo”.

manter viva a memória dos estudantes que tiveram suas trajetórias interrompidas pela repressão. Ao analisarmos a presença dessas memórias nos espaços físicos, rituais acadêmicos e iniciativas institucionais é um exercício historiográfico que se constitui enquanto gesto político de enfrentamento ao esquecimento e uma declaração em defesa da democracia.

Mas quem foram esses estudantes? Aqui, recorreremos a um exemplo inicial de projeto financiado e elaborado pela UFMG que funciona como dispositivo de memória e também, vale dizer, de luto: o podcast “Retratos Sonoros: trajetórias interrompidas pela ditadura”, produzido pela Rádio UFMG Educativa, disponível na plataforma Spotify. A proposta é trazer à tona vozes silenciadas pela repressão política durante a ditadura militar brasileira, com relatos comoventes de familiares de vítimas que tiveram suas trajetórias interrompidas pela violência do regime e que pertenciam à comunidade acadêmica da Universidade (professores e discentes militantes). Entre outros relatos, destacamos ao menos quatro trajetórias que aparecerão de forma recorrente no presente trabalho: José Carlos Novaes da Mata Machado, estudante de Direito, atuou como vice-presidente da UNE, assassinado em 1973; Walkiria Afonso Costa, estudante de Pedagogia, militante do Partido Comunista do Brasil e última guerrilheira capturada na Guerrilha do Araguaia em 1974, cujo corpo permanece desaparecido; Idalísio Soares Aranha Filho, primeiro mineiro morto na Guerrilha do Araguaia, também com destino incerto; e Gildo Lacerda, estudante de Economia da FACE e vice-presidente da UNE, morto sob tortura em Recife, também em 1973.

O artigo, seguindo o método qualitativo, realizando uma atenta análise bibliográfica sobre a temática, bem como pesquisa em sites oficiais da Universidade e visita aos espaços citados, está dividido em seções. Vale destacar os dois subtópicos: “Marcadores físicos e espaços nomeados: a materialização da memória” e “Eventos e Celebrações: a memória em movimento”, onde tratamos, sobretudo, do que se refere ao papel ético e político do Monumento Liberdade, localizado ao lado da Biblioteca Central da UFMG, como homenagem aos estudantes assassinados pelo Estado durante o regime militar e também, no segundo subtópico citado, uma reflexão sobre simbolismos e a potência do da sessão solene do Conselho Universitário, que em 24 de setembro de 2024 realizou uma cerimônia de diplomação póstuma, homenageando os quatro estudantes mortos. Nos atentamos, portanto, à sensibilidade presente nos espaços e eventos da Universidade e a sua importância que definitivamente transborda o texto historiográfico não somente com o objetivo de reparação, mas pela necessidade e dever latente de cuidado com os mortos no entrelace da História com os traumas e os afetos. Façamos ressoar seus ecos.

## 2. MARCADORES FÍSICOS E ESPAÇOS NOMEADOS: A MATERIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA

A memória dos estudantes da UFMG mortos pela ditadura militar se manifesta de forma palpável em diversos pontos do Campus Pampulha, tornando sua presença visível no cotidiano dos estudantes que por eles passam. Tais marcadores físicos atuam como pontos de ancoragem para uma memória que é ativada pelo presente, buscando visibilidade e permanência no cotidiano universitário. Essa materialização, ao transformar o ambiente universitário, desafia o silenciamento imposto pelo regime e reafirma um compromisso contínuo com a história e a justiça.

Um dos exemplos mais proeminentes é o Monumento Liberdade (Anexos I e II), localizado em frente à Biblioteca Central, importante instituição da universidade. Idealizado pelo artista e professor Fabrício Fernandino, a obra, composta por quatro troncos tombados que simbolizam os estudantes Gildo Macedo Lacerda, Idalísio Soares Aranha Filho, Walkíria Afonso Costa e José Carlos Novais da Mata Machado, foi inaugurada em 2004 e, vinte anos depois, em 2024, passou por um processo de revitalização. Essa restauração, que incluiu o reposicionamento dos troncos, a instalação de uma nova placa, o plantio de um ipê branco e a criação de um caminho acessível, não é apenas um ato de manutenção, mas uma renovação da lembrança e um reforço do compromisso da UFMG com a memória<sup>5</sup>.

Em uma fala sobre a importância do monumento, Fernandino comentou que “o tempo promove esquecimento”, e por isso foi necessário resgatar a memória do que aconteceu na ditadura militar e desconstruir esse esquecimento, além de dar continuidade à tarefa de manter viva a remanescência da luta mobilizada pelo movimento estudantil<sup>6</sup>. Nesse relato e em sua obra, é possível assimilar como a arte pode ser um importante instrumento no resgate à memória, pois, além da intenção de homenagear os estudantes que tiveram suas vidas interrompidas pela ditadura militar, também consegue evidenciar o tema em um espaço público, convidando os que cruzam o seu caminho para uma experiência de reflexão durante o cotidiano.

Além do Monumento Liberdade, a nomeação de espaços estudantis é uma forma contundente de reapropriação simbólica da universidade. Os Diretórios Acadêmicos (DAs) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) e da Faculdade de Educação (FAE)

---

<sup>5</sup> Informação trazida por notícia “Monumento que homenageia estudantes mortos pela ditadura é revitalizado”, escrita por Luana Macieira e veiculada no site institucional da UFMG

<sup>6</sup> Informação trazida por notícia “Monumento que homenageia estudantes mortos pela ditadura é revitalizado”, escrita por Luana Macieira e veiculada no site institucional da UFMG (2024)

carregam, respectivamente, os nomes de Idalísio Soares Aranha Filho e Walkíria Afonso Costa, ambos estudantes da UFMG mortos na Guerrilha do Araguaia. Embora os detalhes de sua instituição possam ser difíceis de rastrear precisamente, essa escolha representa um ato político e uma afirmação identitária do movimento estudantil. Ao batizar seus espaços de representação com os nomes de Idalísio e Walkíria, os estudantes não apenas homenageiam seus predecessores, mas também reforçam a continuidade de uma luta por um Brasil mais justo e democrático, assim como expressou a irmã de Idalísio, Antônia Vitória Soares Aranha<sup>7</sup>. Essa prática de nomeação é um exemplo claro de como, segundo Beatriz Sarlo, a memória é trazida à tona para reparar danos e garantir que as situações vividas não serão esquecidas ou repetidas (Sarlo, 2007).

Outras formas de expressão visual que rememoram a vida e os atos dos quatro estudantes, sendo manifestações menos formais mas igualmente impactantes, são a existência de grafites e pichações no campus. Aqui, destaca-se o grafite no segundo andar da FAFICH com os rostos de Gildo, Idalísio, Walkíria e Zé Carlos junto aos seus nomes, e a frase “Pensam que nos mataram? Ressuscitaram um ideal! Pensam que nos enterraram? Plantaram uma semente!”, da mãe de Walkíria, Edwin Costa (Anexos III e IV). Essas manifestações artísticas populares servem como um lembrete constante no cotidiano dos alunos, adicionando uma camada visual e emocional à narrativa da resistência, reafirmando que o campus é um “texto” em constante reescrita.

### **3. EVENTOS E CELEBRAÇÕES: A MEMÓRIA EM MOVIMENTO**

Um outro aspecto da memória na UFMG é o seu caráter dinâmico e atuante. O passado é constantemente mobilizado e revitalizado através de eventos e celebrações que engajam a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Essas ações performáticas de lembrança não são apenas rituais, mas servem como poderosos atos de reparação simbólica e de reafirmação de valores democráticos. Nesse movimento contínuo, a universidade se empenha em preencher os “silêncios ruidosos” do passado, aqueles vazios criados por narrativas hegemônicas ou repressoras. É uma verdadeira “reapropriação epistêmica do espaço”, conforme a conceituação de Maria Paula Meneses (2021), que busca inserir outras vozes e verdades onde antes houve apagamento. Ao fazer isso, a UFMG atende ao clamor social por uma memória que não se limita ao mero recordar, mas que se traduz em justiça, conforme a perspectiva de Beatriz Sarlo (2007).

---

<sup>7</sup> Informação trazida por notícia “‘Presente!': UFMG homenageia estudantes mortos e professores e técnicos perseguidos pela ditadura”, escrita por Luana Macieira e veiculada no site institucional da UFMG (2024)

O ponto alto dessa mobilização da memória recente foi a sessão solene do Conselho Universitário, que em 24 de setembro de 2024 realizou uma cerimônia de diplomação póstuma dos quatro estudantes mortos pela ditadura militar, juntamente com homenagens aos docentes e técnico-administrativos afetados pelo regime, lotando o auditório principal da Reitoria da UFMG. O evento, carregado de emoção e significado, representou um “triumfo da memória sobre a desmemória”, como afirmou o professor homenageado João Batista dos Mares Guia<sup>8</sup>. A presença de familiares, como Antônia Vitória Soares Aranha, irmã de Idalísio, que lembrou os sonhos e propósitos compartilhados com seu irmão, e o depoimento emocionado de Elza Pereira, ex-servidora técnico-administrativa, que relembrou as torturas e o exílio, ilustram o clamor por reparo de traumas do passado que Sarlo (2007) aponta. A cerimônia não foi apenas um reconhecimento de perdas, mas uma reafirmação institucional de resistência à repressão e cerceamento, bem como de valorização e proteção da democracia. Este ato tardio de reparação da UFMG, somado a iniciativas similares em outras universidades, sinaliza um importante movimento de restituição da história e reconhecimento das violências sofridas.

Em relação à outros eventos com a temática da ditadura militar, pode-se afirmar que, apesar de frequentemente abordados em semanas acadêmicas, debates e congressos dentro do Departamento de História da UFMG, percebe-se que os estudantes individualmente, as vítimas diretas da repressão na própria universidade, não figuram como protagonistas dessas discussões. Isso levanta uma questão levantada por Sarlo (2007): a de que a história busca compreender o passado em sua complexidade, mas essa busca nem sempre prioriza a memória singular dos que sofreram. Em análise, é possível afirmar que isso acontece porque a História e a memória são formas diferentes de disputar lugar e reivindicar o uso do passado, tendo diferentes prioridades, métodos e funcionalidades.

Em suma, enquanto a memória não acredita em um método que não priorize e privilegie os seus direitos de justiça e subjetividade na reconstituição dos acontecimentos, a história desconfia de discursos que não seguem um certo rigor historiográfico, como analisar a forma pela qual um indivíduo ou grupo aborda suas vivências, contextualizar os discursos no tempo, verificar possíveis falseamentos e não ignorar narrativas diferentes do relato. Embora a História e a memória sejam formas distintas de lidar com o passado, é possível pensar em uma “historicização da memória”, como propõe Sarlo em um diálogo com Susan Sontag, ao concluir que “é melhor entender o passado do que lembrar – ainda que para entender seja preciso

---

<sup>8</sup> Informação trazida por notícia “‘Presente!': UFMG homenageia estudantes mortos e professores e técnicos perseguidos pela ditadura”, escrita por Luana Macieira e veiculada no site institucional da UFMG (2024)

lembrar” (Sarlo, 2007, p. 21-22).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, a investigação sobre os ecos do silêncio e da resistência na Universidade Federal de Minas Gerais, proposta no início deste artigo, encontra sua resposta na forma como a memória dos estudantes mortos pela ditadura militar é ativamente construída e disputada no espaço universitário. A hipótese de que a universidade não é apenas um cenário, mas um agente na produção de sentidos sobre o passado, é confirmada pela análise dos marcadores físicos e simbólicos presentes no campus. A coexistência do institucionalizado Monumento Liberdade, revitalizado pela própria gestão universitária, as apropriações orgânicas do movimento estudantil, como a nomeação dos Diretórios Acadêmicos, os grafites na FAFICH e os eventos de reparação simbólica, como a recente cerimônia de diplomação póstuma, demonstram que a memória é um campo dinâmico e em constante negociação. O campus da UFMG se revela, portanto, um microcosmo exemplar do que Marcos Napolitano conceitua como as "batalhas de memória", onde diferentes atores sociais disputam e negociam as narrativas sobre um passado traumático.

As hipóteses levantadas ao longo do texto se confirmam: a universidade atua como um campo de disputas simbólicas, um "agente produtor e reproduzidor de sentidos sobre o passado", como afirmado na introdução. A análise revela que esses atos de rememoração transcendem a simples homenagem póstuma, funcionando como um poderoso dispositivo político no presente, reafirmando os valores da democracia e dos direitos humanos frente a narrativas negacionistas. Ao materializar a ausência de Gildo, Idalísio, Walkíria e Zé Carlos, a comunidade da UFMG transforma o cotidiano do campus em um exercício contínuo de resistência ao esquecimento, em linha com a perspectiva de Beatriz Sarlo sobre a memória como reparação. O espaço físico torna-se, assim, um texto que narra uma história de violência, mas também de luta e resiliência, garantindo que os "ecos do silêncio" sejam sobrepostos pelos "ecos da resistência".

Sob essa ótica, a experiência da UFMG demonstra que a construção da memória democrática é um processo contínuo e deliberado, que exige tanto o gesto institucional de reparação quanto a apropriação viva pela sua comunidade. Não se trata de um passado resolvido, mas de uma ferida aberta com a qual a universidade aprende a dialogar, transformando o trauma em um compromisso ético e político com o presente e o futuro. É precisamente nesse diálogo que emerge a tensão fundamental, apontada por Beatriz Sarlo, entre a memória subjetiva, que clama

por reparação e justiça, e a narrativa histórica, que busca a distância crítica da compreensão. A universidade aqui se torna portanto, um espaço onde essa delicada negociação entre lembrar e entender ocorre de maneira explícita.

Como sugestão para futuras pesquisas, seria valioso aprofundar a análise sobre a recepção desses marcadores pela comunidade acadêmica atual. Uma investigação etnográfica poderia revelar como os estudantes de hoje interpretam e se relacionam com esses monumentos e nomes, medindo a real eficácia desses exercícios de memória na formação de uma consciência histórica e política. Além disso, um estudo comparativo com outras universidades federais que também sofreram perdas durante o regime poderia ampliar a compreensão sobre as diferentes estratégias de rememoração e seus impactos em escala nacional. Isso pode ser feito por meio da investigação de manifestações artísticas e digitais, como o podcast mencionado na estrutura do trabalho, o que ofereceria um panorama mais amplo sobre as novas linguagens utilizadas para manter vivos os ecos desse passado sombrio.

## 5. REFERÊNCIAS

MENESES, Maria Paula. “As estátuas também se abatem: momentos da descolonização em Moçambique”. **Cadernos Naui**, Florianópolis, v.10, n. 18, p. 108-128, jan-jun 2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. . Acesso em: 26 jun. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. “O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro. Apontamentos para uma revisão historiográfica”. Contemporânea. **Historia y problemas del siglo XX**, Montevideu, v. 2, pp. 209-17, 2011.

RÁDIO UFMG EDUCATIVA. **Retratos sonoros: trajetórias interrompidas pela ditadura** [podcast]. Rádio UFMG Educativa, 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6wmvQ75Z50JaWfpBvZzfY4?si=b29548fdb28d44d1>. Acesso em: 23 jun. 2025

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/UFMG, 2007, p. 9-44.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). **Monumento que homenageia estudantes mortos pela ditadura é revitalizado**. Belo Horizonte, 27 set. 2024. Disponível em:

<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/monumento-que-homenageia-estudantes-mortos-pela-ditadura-e-revitalizado>. Acesso em: 26 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). ‘Presente’!: UFMG homenageia estudantes mortos e professores e técnicos perseguidos pela ditadura. Belo Horizonte, 25 set. 2024. Disponível em:

<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/presente-ufmg-homenageia-estudantes-mortos-e-professores-e-tecnicos-perseguidos-pela-ditadura>. Acesso em: 26 jun. 2025.

## 6. Anexos

### Anexo I



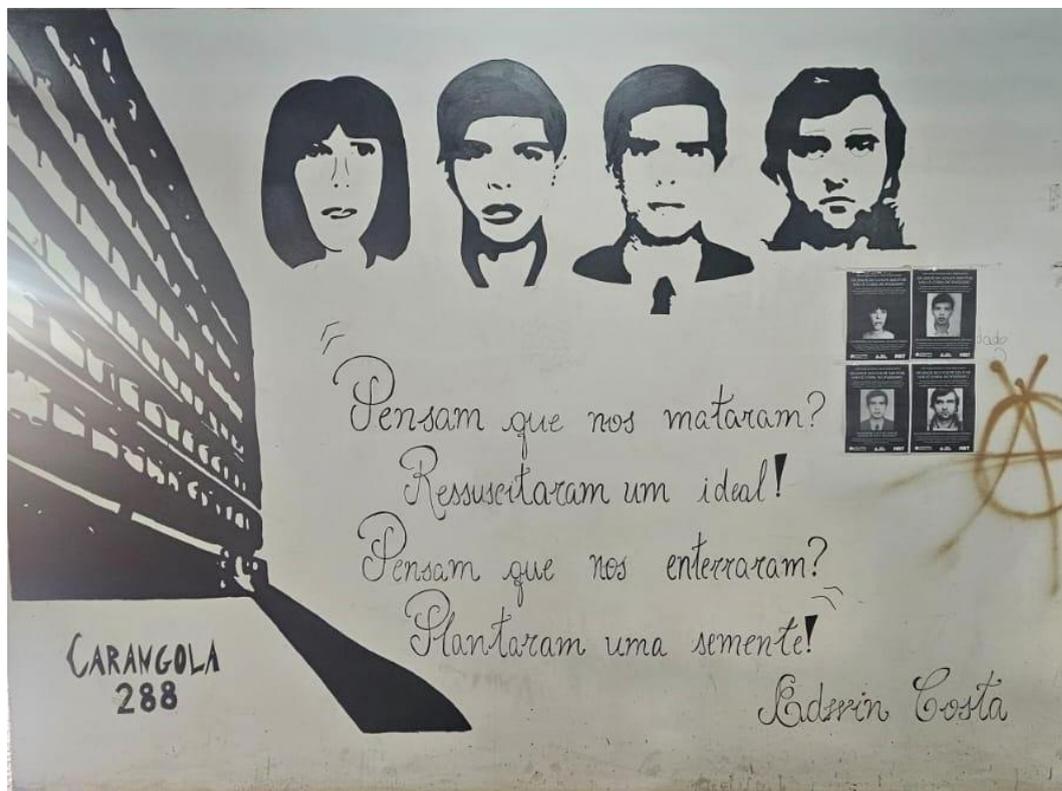
Fonte: Jebs Lima. Reprodução UFMG. 2024.

## Anexo II



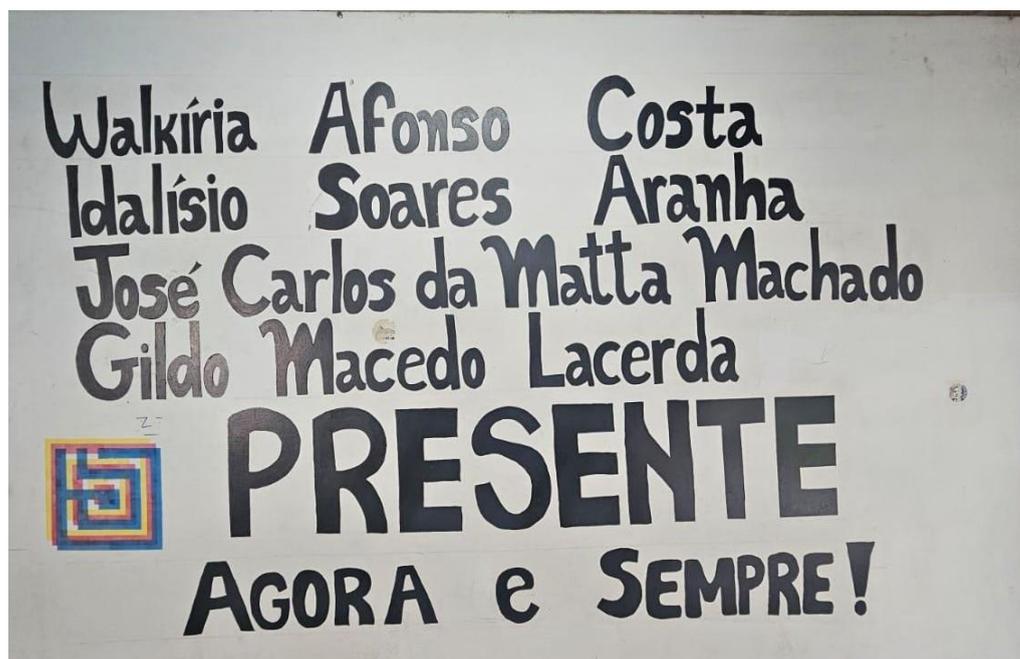
Fonte: Jebs Lima. Reprodução UFMG. 2024.

## Anexo III



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

Anexo IV



Fonte: Acervo dos autores, 2025.